

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



**Rego, António da Silva**

(Joane, Famalicão, 13 de Junho de 1905 - Lisboa, 8 de Julho de 1986)

Com apenas onze anos de idade, António da Silva Rego, um dos catorze filhos de Joaquim da Silva Rego e de Bernardina de Freitas, rumou para Macau para ingressar no Seminário de São José, a convite do seu primo e reitor desta instituição, António José Gomes. Com vinte e dois anos completou a sua formação, leccionou naquele seminário e recebeu a ordenação sacerdotal pelas mãos de D. José da Costa Nunes, bispo de Macau e patriarca das Índias (R. Gulbenkian, "Elogio..", 1991, p. 148; A. Corral, "A Sociedade...", p. 105.). Em 1928, foi enviado por este último em missão para Singapura e por lá permaneceu durante cerca de dez anos, enquanto pároco da Igreja de São José e director da *St. Anthony's Boys School*. Não foi ao acaso que Roberto Gulbenkian epitetou António da Silva Rego como o «Padre Mestre do Oriente» (Idem, p. 163). Os primeiros anos de mocidade passados a Oriente viriam a ser determinantes, a jusante, na definição da principal matéria de estudo sobre a qual se ocuparia Silva Rego até ao final dos seus dias: a história da missão e do padroado português no espaço asiático (Idem, p. 149; J. Mendes de Almeida, "A minha homenagem...", 1991, p. 16). Rumou para a Europa, novamente mandatado pelo bispo de Macau, para frequentar a Universidade Católica de Lovaina, onde completou a licenciatura em História (*Sciences Historiques*). Como registou mais tarde um elemento da sua equipa, com o deflagrar da Segunda Guerra Mundial, no decurso da invasão alemã da Bélgica e numa tentativa de fuga, Silva Rego chegou a ser acusado de espionagem, ficando temporariamente detido (E. Trigo de Sousa *et al*, "Prof. António da Silva Rego...", 1991, pp. 252 e 251). Desfeito o equívoco, em 1942, regressou a Portugal, instalando-se em Lisboa num apartamento, que de tão reduzida dimensão o obrigava a transformar o café *Brasileira* numa espécie de sala para receber as suas visitas (R. Gulbenkian, *ibidem*, p. 151). Em 1946, com 41 anos, a convite de Marcelo Caetano foi nomeado professor ordinário no Curso de Altos Estudos Coloniais ficando responsável pelas cadeiras de Colonização Moderna e Missionologia da Escola Superior Colonial, instituição que deu origem ao Instituto Superior de Estudos Ultramarinos (ISEU - 1954-1961), mais tarde Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina (ISCSPU - 1962 e 1976), e actualmente Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP) (Idem, p. 151). Silva Rego esteve na direcção e alcançou a cátedra, ficando nesta instituição até 1975, ano da sua jubilação. Além fronteiras, foi nomeado, em 1957, *Visiting Luís de Camões*



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

of Portuguese Studies Professor no Ernest Oppenheimer Institute of Portuguese Studies da Universidade de Witwatersrand (Joanesburgo). O seu estabelecimento na capital portuguesa foi, contudo, efémero. Complementaria a actividade docente com inúmeras viagens pela Europa, África e Ásia, nas quais conciliou as estadias de investigação com o espírito missionário, que nunca abandonou. Além disso, o "amor" que tinha por Macau fazia-o regressar anualmente à terra onde se tinha formado (J. Mendes de Almeida, *ibidem*, p. 18). Recordou Adriano Moreira que só no ano de 1959, Silva Rego percorreu a Nigéria, Camarões, África equatorial francesa, Angola, Congo belga, Uganda, Quénia, Tanganica, Rodésia e África do Sul (A. Moreira, "O Padroado...", 1991, p. 232). Proficiente na língua inglesa e francesa, em muitas das suas deslocações realizou conferências, nomeadamente em Cambridge, Colombo, Joanesburgo, Luanda, Lourenço Marques, Goa, Singapura e Estocolmo, muitas das quais resultaram em publicações. Ao tempo, além de notoriedade nacional, atingiu um grau de internacionalização assinalável, sendo assíduo nos principais eventos científicos tanto como organizador ou orador. Do seu currículo fazem parte, a título de exemplo, a participação no 1º Seminário Internacional de História indo-portuguesa, a organização do 2º Seminário anos depois em Lisboa (1980), a representação de Portugal na Comissão Internacional de História Marítima (1960), a presença nos Congressos Luso-espanhóis para o progresso das Ciências (em Coimbra em 1956 e no Porto em 1962), no X e o XI Congresso Internacional de Ciências Históricas (Roma, 1955/Estocolmo 1960), na Iª Conferência Nacional de Historiadores do Sudeste asiático (Singapura 1961), a presidência do II Congresso da Associação Histórica Internacional do Oceano Índico (Lourenço Marques, 1962), etc. (F. Castelo Branco, "Correspondência...", 1991, p. 89; R. Gulbenkian, *ibidem*, p. 162).

Da missão de António da Silva Rego ao Arquivo Histórico de Goa em 1951, resultaram uma série de microfímes de documentos relativos à acção missionária dos portugueses no Oriente, cuja necessidade de preservação e divulgação estiveram na origem da fundação da Filmoteca Ultramarina Portuguesa em 1952 (E. Trigo de Sousa *et al*, *ibidem*, p. 248). Este empreendimento foi motivado pelas longas conversas que teve anos antes com o seu colega na Escola Superior Colonial e futuro Ministro do Ultramar, o General Sarmiento Rodrigues, que apoiou as missões de Rego a Goa e estimulou a sua vontade de preservar aquele e outros fundos documentais relativos à história da missionação e do padroado português dispersos neste e noutros arquivos estrangeiros (R. Gulbenkian, *ibidem*, p. 156). Três anos depois, a Filmoteca acabou por ser integrada no Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, igualmente fundado, em 1955, por António da Silva Rego. Este projecto dava assim resposta à sua vontade de confiar edições críticas dos clássicos ultramarinos a especialistas renomados e de criar uma revista internacional. De facto, o nome de Silva Rego ficou inegavelmente associado à criação de periódicos e de boletins nas instituições que fundou ou com as quais colaborou, merecendo destaque o *Boletim da Filmoteca Ultramarina Portuguesa* (1954) ou a *Studia* (1958), a revista do Centro de Estudos Históricos e Ultramarinos. Inaugurada com um texto da sua autoria - «Do tempo, do homem e da história» -, esteve à frente da publicação de trinta e nove volumes e neles reuniu textos de inúmeros historiadores portugueses e estrangeiros. Postumamente, foi-lhe dedicado o volume nº 53 (1994),



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

que nos permite vislumbrar não só o historiador, mas também as características comuns que definiram o homem que foi Silva Rego. Contribuiu ainda e deu ânimo a outros periódicos como as Revistas *Estudos Ultramarinos*, *Comunidades Portuguesas*, *Ultramar*, *Portugal em África*, *Lusitania Sacra*, o *Boletim da Sociedade de Geografia*, *Boletim Geral das Colónias*, *Boletim Geral do Ultramar* e os *Anais da Academia Portuguesa da História*.

Aliado à sua capacidade de iniciativa e coordenação de projectos, Silva Rego foi autor de uma vasta produção historiográfica. Aos primeiros contributos que deu ao *Boletim Eclesiástico de Macau* na década de 30, somou mais de uma centena e meia de publicações. Aos trinta e cinco anos de idade, por ocasião das comemorações dos 200 anos da fundação e restauração de Portugal, escreveu o seu primeiro texto de referência: "O padroado português do Oriente: esboço histórico" (1940). Nos anos 40, publicou outros textos de relevo como o *Dialecto português em Malaca. Apontamentos para o seu estudo* (1942), as "Sombras da Epopeia portuguesa do Oriente" (1945) e *A presença de Portugal em Macau* (1946). Foi precisamente nesta época, quando realizava investigação, que se viu confrontado com a desorganização do espólio do Arquivo Histórico Colonial de Lisboa. Assumindo que o estado deste seria previsivelmente sintomático da situação de outros tantos, daqui emergiu a sua vontade de se envolver na sistematização e preservação de arquivos nacionais e estrangeiros (Idem, p. 150). Colaborou e, nalguns casos, auxiliou a fundação de arquivos africanos como o de Luanda, Moçambique e São Tomé, e asiáticos como o macaense. Teve ainda um papel activo na organização dos acervos bibliográficos da Sociedade de Geografia. Da sua ligação ao meio arquivístico sobressaiu outra vertente associada às suas publicações. Como o próprio confessou, era sua "missão" disponibilizar e dar a conhecer o maior número de documentação possível, tornando-a acessível a outros investigadores para «sem saírem das suas terras - elaborar estudos sobre a acção missionária e social dos portugueses no Oriente» (A. Silva Rego, *Documentação para a História...*, 1947, p. VII). Surgiu neste contexto a sua obra de maior fôlego e, possivelmente, o seu maior legado. Com o apoio da Agência Geral das Colónias e do Instituto da Alta Cultura publicou em 1947 o primeiro de doze volumes da *Documentação para a História das missões do Padroado Português do Oriente* (12 vols., 1947-1958). Na sequência desta colecção, escreveu *A História das Missões do Padroado português no Oriente* (1949), um contexto historiográfico, que se pretendia completo, daquela colectânea documental. Todavia, o esforço hercúleo a que obrigava esta ambiciosa empresa levou a que o seu autor se detivesse apenas na síntese dos dois primeiros volumes da *Documentação*. Neste âmbito, participou e coordenou ainda várias obras colectivas, de que é representativa a compilação dos *Documentos sobre os portugueses em Moçambique e na África Central 1497-1840*. Esta publicação dependeu da habilidade diplomática de Silva Rego em agilizar a colaboração com instituições africanas e do apoio da recém-criada Fundação Calouste Gulbenkian (E. Axelson, *ibidem*, pp. 56 e 57).

A obra de Silva Rego pode dividir-se em quatro categorias: estudos históricos, histórico-missionológicos, pedagógico-missionológicos e de teoria da história. Nas duas primeiras, como metodologia de análise,



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

explorou, aplicou e procurou redefinir, entre outros, conceitos como «colonização», «missionação», «missão católica», «aculturação», «encontro de culturas», «nacionalismo», «expansão-conquista» e «expansão-descobrimto». Nos textos histórico-missionológicos centralizou o seu principal objecto de estudo: a história da expansão e do padroado português no Oriente e em África na época Moderna, extensível, por vezes, à contemporaneidade, incorporando em muitos deles a teoria missionológica, um reflexo da sua própria experiência sacerdotal passada a Oriente. Na vertente pedagógica incluem-se textos como aquele que elaborou, por exemplo, para o Curso de Missionologia para os alunos do ISEU. Na última categoria - teoria da história - interessou-se particularmente pelo fenómeno do tempo e da acção, «história apreensão e conhecimento do real», «história-construção do espírito», «história-explicação dos factos» e «história-vida» (A. Silva Rego, *ibidem*, pp. 11 e 12). Além disso, defendeu o lugar da História no campo das ciências sociais e a autonomização desta em relação a outras disciplinas como a filosofia (A. Silva Rego, "Da imparcialidade...", 1962, p. 140). Preocupou-se ainda com a definição do ofício do historiador e com a questão da «imparcialidade na história», quadro teórico ao qual dedicou um artigo homónimo (Idem, pp. 137-150). O historiador era o responsável, na sua opinião, por alcançar a verdade histórica possível, ainda que não absoluta, recorrendo para isso a um questionário que, no seu ponto de vista, deveria ser quase inesgotável (A. Silva Rego, "Do tempo...", 1991, p. 13).

Como notou Judite Freitas, a obra de Silva Rego pode inscrever-se na linha da Escola Metódica (J. Freitas, "Perspectivas Históricas...", 2006, p. 87). A heurística ocupou um lugar primacial nos seus trabalhos, advertindo que o historiador não deveria deixar «nada por investigar» (A. Silva Rego, "Da imparcialidade...", 1962, p. 150). Dedicou-se, por isso, à elaboração de colectâneas documentais, ao trabalho de edição de fontes e análise documental. Coordenou, além da obra supra mencionada, vários roteiros de fontes como *As Gavetas da Torre do Tombo* (1960-1977), *A documentação ultramarina portuguesa* (1960-1967) ou o *Manuscritos da Ajuda: Guia* (1966-1973). A atenção que deu às fontes impulsionou a necessidade pioneira de elaborar regras paleográficas de transcrição de documentos, utilizando como modelo normas internacionais europeias, como o próprio declarou (A. Silva Rego, *Documentação para a História...*, 1947, p. VIII).

Silva Rego trabalhou em estreita colaboração com as principais instituições académicas e culturais portuguesas, entre elas o Arquivo Histórico Ultramarino, o Centro de Estudos Políticos e Sociais do ISCSPU, a Academia Portuguesa da História, a Sociedade de Geografia e órgãos governamentais como a Junta de Investigações Científicas do Ultramar, que viria, posteriormente, a dar origem ao recentemente extinto Instituto de Investigação Científica Tropical (1979-2015). Em torno da sua figura reuniram-se renomados historiadores, movimentando-se no âmbito de redes de especialistas internacionais em história da expansão e da presença portuguesa no mundo na época moderna e que lhe reconheceram o prestígio, como Charles Boxer, com quem terá feito várias viagens, nomeadamente pela Índia (C. Boxer, "Uma carta...", 1991, p. 81). Promoveu ainda a internacionalização da historiografia portuguesa e a cooperação entre os seus contactos externos e



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

instituições nacionais. A assistência presente no dia da inauguração do Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, composta por personalidades como Eric Axelson, Charles Boxer, Elaine Sanceau, Damião Peres, Armando e Jaime Cortesão e General Teixeira Botelho, é ilustrativa deste facto (E. Axelson, *ibidem*, p. 55). Em Portugal podemos vê-lo associado a um círculo de autores que incluíam Jorge Moser, Adriano Moreira, Virgínia Rau, Torquato de Sousa Soares, António Brásio, etc.

De acordo com o testemunho de Eric Axelson, seu amigo próximo, Silva Rego considerava-se "apolítico", «neither pro-salazar nor anti-salazar» (E. Axelson, *ibidem*, p. 56). Contudo, como foi já observado (J. Madeira, "Subsídios...", 2008, p. 252), o seu discurso e produção historiográfica inscrevem-se modelarmente na orientação ideológica difundida pelo Estado Novo no que respeita ao enaltecimento da expansão portuguesa e à justificação da manutenção do ultramar português, havendo quem tenha detectado traços lusotropicalistas nos seus textos (Idem, p. 241). De facto, é inegável a ligação de Silva Rego ao governo durante o período do Estado Novo, tendo inclusivamente desempenhado funções políticas enquanto vogal do Conselho Ultramarino e, durante mais de vinte anos, entre 1953 e a Revolução de 74, como Procurador da Câmara Corporativa para matérias ultramarinas missionárias e episcopais sobre o Oriente. Nos anos 60, chegou a ser destacado pelo governo para realizar missões em África, nomeadamente para o estudo da Missionologia em território africano (A. Moreira, *ibidem*, pp. 231-232). Transpunha assim o seu objecto de investigação, aplicando-o à «ideologia missionária colonial contemporânea» (J. Madeira, "A Construção...", 2006, p. 114). A legitimação da expansão portuguesa no século XVI, as questões missionárias, a colonização africana e oriental foram alguns dos tópicos estudados e nos quais procurou fundamentar a teoria do "bom colonizador português", o qual, através da missionação e da identificação religiosa, transformou os colonizados em voluntariosos convertidos, o que, do seu ponto de vista, gerou um mútuo e benéfico encontro de culturas. Para Silva Rego, a expansão portuguesa tinha resultado dos desígnios da providência divina, que decidiu tornar Portugal no «primeiro embaixador enviado pela Cristandade e pela Europa da Renascença ao culto do Oriente» (A. Silva Rego, *Curso de Missionologia*, 1956, p. XXIII). Por esse motivo, pretendeu atenuar a carga pejorativa que o conceito de «colonização» tinha vindo a adquirir. Na sua opinião, este deveria ser observado à luz do fenómeno evangelizador e da essência missionária pura, abjurando a contaminação de pretensões políticas com que alguns o tinham conotado. Silva Rego lembrou que o historiador se deveria «despir dos seus preconceitos, não só pessoais, mas também sociais» (A. Silva Rego, "Do tempo...", p. 13), mas reconheceu, também a complexidade desta tarefa, pois «o homem dificilmente pode subtrair-se à poderosa influência da sua personalidade e outros factores externos» (A. Silva Rego, "Da imparcialidade...", p. 148). Não sendo certo que não tenha havido apropriação das suas obras para efeitos políticos, nem a assunção de um apartidarismo por parte de Silva Rego, mais que isso, a leitura dos seus textos exhibe um devoto historiador, mas também um historiador-devoto. Por vezes, o seu pensamento histórico confunde-se com o do homem religioso, o padre, marcado pela sua formação missionária, impelido pela causa da defesa da acção da igreja católica ao longo da História, nomeadamente no contexto da expansão portuguesa. Com



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

isto, pretendia atingir o pleno, alcançando também «um reatamento no sentido académico do termo das relações entre o Estado português e a teologia» (J. Madeira, *ibidem*, 2006, p. 133).

António da Silva Rego integrou e presidiu as principais sociedades científicas e culturais portuguesas da sua época. Tornou-se sócio da Sociedade de Geografia de Lisboa em 1937, membro efectivo e vogal da secção de História, em 1946 e, posteriormente, integrou e presidiu as subcomissões indiana, asiática e macaense. Foi ainda director da biblioteca desta instituição (1966) e, posteriormente, seu vice-presidente (1974 e 1983). Integrou a Academia Portuguesa da História em 1951 e, em 1955, foi-lhe atribuída a cadeira nº 18. Posteriormente, ocupou a vice-presidência por duas vezes (1963-1972 e 1975-1983) e a presidência do Conselho Académico (1972-1975). Em 1983 foi nomeado seu presidente de honra. Membro correspondente da Academia das Ciências de Lisboa (1962), participou ainda na fundação da Academia Internacional da Cultura Portuguesa e da União das Comunidades de Cultura Portuguesa (1965). O Estado português concedeu-lhe a honra de Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique a 24 de Março de 1962 e a Universidade Técnica de Lisboa atribuiu-lhe o Doutoramento *Honoris Causa* em 1966.

**Bibliografia activa** REGO, António da Silva, *Orientália: sonetos*, edição de José Fernandes Júnior, Lisboa, Império, 1938; *O Padroado português do Oriente: esboço histórico*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1940; *O dialecto português de Malaca. Apontamentos para o seu estudo*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1942; "Sombras da epopeia portuguesa do Oriente", *Boletim Geral das Colónias* [Em linha], ano 21º, nº 236, Fevereiro de 1945, pp. 20-36. [consult. 17 de Junho de 2019]. Disponível em <http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=BGC/BGC-N236&p=11>; *A presença de Portugal em Macau*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1946; *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente: Índia*, Coligida e anotada por António da Silva Rego, 12 vols., Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1947-1958; *História das Missões do Padroado português do Oriente*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1949; "Da imparcialidade em História", *Temas sociomissionológicos e históricos*, nº 58, Junta das Investigações do Ultramar, Centro de Estudos Políticos e Sociais, Lisboa, 1962 [1ª ed. separata nº 9 e 10 da Revista do Gabinete de Estudos Ultramarinos, 1953]; *Le patronage portugais de l'Orient: aperçu historique*, traduzido por Jean Haupt, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1957; *Curso de Missionologia*. [Em linha] Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1956. [consult. 17 de Junho de 2019]. Disponível em <https://archive.org/details/cursodemissionol00rego/page/n9>; *As gavetas da Torre do Tombo*, 12 vols, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1960-1977; *Documentação ultramarina portuguesa*, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1960-1967; *Documentos sobre os portugueses em Moçambique e na África Central: 1497-1840*, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos e National Archives of Rhodesia and Nyasaland, 1962; *Temas sociomissionológicos e históricos*, nº 58, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, Centro de Estudos Políticos e Sociais, 1962. *Atlas Missionário português*, Junta

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

de Investigações do Ultramar, Centro de Históricos Ultramarinos, 1964. *Manuscritos da Ajuda: Guia*, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1966; *O padroado português no Oriente e a sua historiografia, 1838- 1950*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1978. "Do tempo, do homem e da história", *Studia*, nº 53, Agência Geral do Ultramar, 1994, pp. 7-14.

**Bibliografia passiva** ALMEIDA, Justino Mendes de, "A minha homenagem ao Padre Silva Rego", Lisboa, *Studia*, nº 53, 1994, pp. 15-25; AXELSON, Eric, "António da Silva Rego", Lisboa, *Studia*, nº 53, 1994, pp. 53-58; BOXER, Charles, "Uma carta de Charles Boxer", Lisboa, *Studia*, nº 53, 1994, p. 81; BRANCO, Fernando Castelo, "Correspondência entre o Prof. Silva Rego e Jorge de Moser", Lisboa, *Studia*, nº 53, 1994, pp. 85-92; CORRAL, António Vermelho do, "A Sociedade de Geografia de Lisboa e as ciências sociais", *Boletim da Sociedade da Geografia de Lisboa*, Série 133, nº1-12, Janeiro-Dezembro, 2015, pp. 82-119; FREITAS, Judite A. Gonçalves de, "Perspectivas Históricas da obra de António da Silva Rego", *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, nº3, 2006, pp. 79 - 88. [consult. 5 de Junho de 2019]. Disponível em <https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/592/2/79-88FCHS2006-9.pdf>; GULBENKIAN, Roberto, "Elogio do Prof. Doutor António da Silva Rego", Lisboa, *Studia*, nº 53, 1994, pp. 147-186; MADEIRA, José, "António da Silva Rego, Subsídios para uma teoria didática da missionação", *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, ano VIII, 2008, nº 13/14, pp. 239-252. [consult. 5 de Junho de 2019]. Disponível em [http://recil.ulusofona.pt/bitstream/handle/10437/4198/antonio\\_da\\_silva\\_rego.pdf?sequence=1](http://recil.ulusofona.pt/bitstream/handle/10437/4198/antonio_da_silva_rego.pdf?sequence=1); MADEIRA, José, "A Construção Hagiográfica de S. Francisco Xavier e a Ideologia Missionária Portuguesa na Ásia", *Revista de Cultura* [Em linha], nº 19, 2006, pp. 113-123. [consult. 23 de Junho de 2019]. Disponível em <http://www.icm.gov.mo/rc/viewer/pdf/40019>; MOREIRA, Adriano, "O Padroado e a Missionologia", Lisboa, *Studia*, nº 53, 1994, pp. 229-236; SOUSA, Esther Trigo de, et al., "Prof. António da Silva Rego, director da Filmoteca Ultramarina Portuguesa", Lisboa, *Studia*, nº 53, 1994, pp. 247-251.

Sónia Borges